

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 2000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 2000 » Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 » Numero avulso... 2000 »	— N.ºs 30 E 31	Toda a correspondencia deve ser dirigida a Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA DE 1888

II

É tão sympathico o assumpto, que não nos parece deva ser posto de lado. Continuaremos, portanto, e permitir-nos-hemos algumas reflexões sobre elle.

Pelo que temos lido sabemos que quasi todos os ramos da nossa actividade industrial, artistica e agricola se farão representar no sympathico certamen da Avenida, e que nenhum dos nossos productos fabris deixará de figurar.

Não sabemos, comtudo, se n'elle figurarão igualmente algumas secções que muito folgaríamos de que lá tivessem tambem o seu lugar.

Assim, por exemplo, desejaríamos ver reservado um lugar para inventos e processos originaes nossos, para simplificações de qualquer mecanismo estrangeiro, para modelos de machinas applicadas, votando-se mesmo uma verba para premios.

Se bem nos lembra, parece-nos que esta idéa foi já suggerida pelo nosso respeitavel collega *Diario de noticias*, e conviria tornal-a realisavel.

Poderia mesmo ampliar-se esta secção constituindo-se um grupo de modelos e projectos portuguezes, que abrangessem todas as materias e especialidades.

Assim, no genero construcções, seria em verdade altamente sympathico proporcionar ensejo a que apparecessem expostos alguns typos de edificações com uma caracteristica e uma individualidade nacional, que, já se vê, não excludisse o gracioso e o artistico, plantas de jardins, planos de monumentos architectonicos, de *chalets* de campo e de cidade, desenhos de mobiliario, processos e sistemas de ornamentação, trabalhos decorativos, etc.

Igualmente desejaríamos ver n'algun dos raios da exposição um grupo dos objectos desenhados ou produzidos já nas escolas de desenho industrial, devidos á gloriosa e fecunda iniciativa de Antonio Augusto de Aguiar, um ministro que fez mais nos poucos mezes que passou pelo poder do que outros haviam feito em annos, e cuja obra civilisadora e util, é justo dizer, tem sido continuada pelo que se lhe seguiu.

Muitas d'essas escolas, convem que isto se saiba,

têm já dado resultados excellentes, e a regeneração da nossa industria e das nossas artes industriaes vir-nos-ha d'ellas, mais ainda talvez que de um excessivo protectionismo pautal, por exemplo.

Por isso é de crer que não deixem de figurar n'uma festa em que têm de occupar um tão alto lugar.

Não desesperâmos tambem de ver nos mostruarios da Avenida expostos alguns trabalhos infantis, o que será de um poderoso effeito moral e educativo para quantos saibam ver e ensinem os seus a saber ver tambem.

Lá fóra ha os museus da infancia, onde se vêem objectos já devidos ao trabalho de creanças de cinco annos, e nada tão civilizador e tão bello, e ao mesmo tempo de uma tão proveitosa e tão suggestiva influencia pedagogica e instructiva, como mostrar aos filhos familias, que educados no conforto ou no ocio não fazem, pelo menos até uma certa idade — porque os ha fazendo-o até depois d'ella — senão destruir e quebrar, o que os seus companheiros iguaes ou mais novos produziram de bello, de util, de artistico, á mesma hora talvez em que elles espostejavam tudo.

Para um professor, para um amigo, para uma mãe intelligente, o facto de fazerem comprehender e gosar a uma creança qualquer o espectáculo d'essa exposição de productos e de creações infantis será o veio da mais profunda, da mais intuitiva e da mais pratica lição que se pôde dar sobre a utilidade e sobre a grandeza do trabalho.

Do mesmo modo veremos com sincero jubilo n'alguna dependencia da exposição artefactos e labores femininos, e pequeninos objectos delicados e graciosos que mãos de mulher podem aprender a facturar, e que convenientemente dirigidos e fecundados seriam o germen de industrias caseiras importantes, como principio e como resultado.

Finalmente, gostaríamos de ver no campo propriamente scientifico e litterario-artistico uma exposição completa de todos os nossos trabalhos nos ultimos vinte annos, do que temos escripto, do que temos pensado, do que temos progredido.

No campo scientifico, por exemplo, alguns trabalhos originaes ha que podem ser expostos sem vergonha para o paiz, apezar do que dizem maldizentes ou apaixonados, e no campo litterario e artistico

mais do que um nome pôde figurar com vantagem e até com orgulho.

Uma exposição pedagogica, que fosse desde os bancos e utensilios das aulas até aos nossos compendios, aos nossos livros didacticos, aos nossos processos e methodos de ensino, era e será tambem da mais evidente e palpavel conveniencia social; e por ultimo um mappa de todas as nossas associações de beneficencia, de ensino, de soccorro mutuo, de instrucção, de recreio e de especialidades, offereria um vasto campo de ensinamento e de estudo.

E antes de continuarmos em outros artigos, digamos, para concluir este, que não nos deve acobardar o animo o receio de fazer má figura n'um ou n'outro ponto, pois que uma exposição, quando ella mira a um mais alto e mais proveitoso scopo que o mero e simples desejo de distrahir a vista e de lisonjear vaidades, não pôde deixar de ser mais do que um campo de observações e de experiencias, um laboratorio de futuros aperfeiçoamentos e modificações, uma especie de exame do que ha feito e do que precisa fazer-se, n'uma palavra, uma larga escola onde expositores e publico devem ir aprender o que ambos têm de corrigir, de emendar, de desenvolver nos seus gostos, nos seus processos, nos seus usos — e nos seus recursos.

Falta-nos agora espaço e tempo para profundar este ponto; mas, repetimos, como o assumpto é palpitante e curioso, voltaremos a elle.

APFONSO VARGAS.

AS DESCOBERTAS SCIENTIFICAS

III

Que é a industria actual comparada com a que ella era ha um seculo, ha dois, ha vinte? Que similitude existe entre os possantesapparehos de que o homem dispõe hoje para a realisação dos seus trabalhos, em paralelo com os utensilios primitivos de nossos avós?

Muitissimo tem caminhado o espirito do homem na investigação da sciencia, na resolução dos grandes problemas astronomicos, geologicos, sociaes, etc.; mas a par e passo que os espiritos propriamente prescruadores se têm embrenhado na senda do ignoto, com o fim apenas de alargarem as raias do saber humano, os genios positivamente praticos e utilitarios os hão acompanhado n'essa gloriosa peregrinação, aproveitando-lhe das grandiosas descobertas tudo o que lhes tem parecido util, e apropriando aos seus fins todos os novos elementos em que acham o lado pratico e aproveitavel ao desenvolvimento industrial.

D'este modo as artes, filhas dilectas da sciencia, tem-na acompanhando no seu successivo desenvolvimento, tirando d'elle cada dia novos elementos de grandezza e perfeição.

Emquanto a sciencia, como resultado das suas vigiliias fa traçando as cartas das constellações e nebulosas, e medindo a orbita dos planetas e cometas, chegando mesmo a avaliar-lhe os seus movimentos, as suas densidades e pesos; enquanto a sciencia fa

determinando a fórma, idade e as camadas geologicas do nosso planeta, classificando-lhe as rochas, as plantas, os animaes, descrevendo até a reconstruir aquellos cujas especies deixaram já de existir; enquanto a sciencia fa fazendo a analyse anatomica, physiologica e pathologica do homem, dos animaes e das plantas, minuciando essa analyse até á *cellula*, base elementar de todo o principio da vida; a industria, por sua parte, tambem não parou, e, acompanhando-a na sua lida incessante, foi-se enriquecendo, e enriquecendo por conseguinte a humanidade!

Esse grandissimo trabalho de investigação em que, principalmente nos ultimos annos, a humanidade se tem empenhado com um vigor e persistencia verdadeiramente homericos, não só tem contribuido para tornar os homens sabios, o que finalmente não seria muito, mas fez mais e muito mais, pois conseguiu, graças aos preciosos elementos que lhes ministrou, fazel-os fortes e poderosissimos em comparação com a fragilidade do organismo com que a natureza, como para incentivo, os dotou!

Os famosos titans da *Illiada*, esses gigantes fabulosos da mythologia pagã, não nos causariam inveja, embora fossem verdadeiros, porque, se elles sobrepunham as montanhas, como simples degraus, o homem actual perfura-as, em arrojados tunneis, como se fossem de cera, ou arraza-as em alterosas barreiras, como se fossem de pó.

E assim, acompanhando a sciencia nas suas percrustações e descobertas, tem a industria creado successivamente um desenvolvimento devéras assombroso.

Seguindo os astronomicos nas suas viagens atravez os espaços sideraes, trouxe de ahí a applicação das curvas que adaptou aos seus engenhos; com as leis de gravitação de Newton architectou a mechanica, com que construiu as suas machinas; e ainda da descoberta das leis do pendulo de Galileu, determinou a regularidade d'essas mesmas machinas, que constitue a sua mais verdadeira e real utilidade.

Descendo com os geologos ás entranhas da terra, arrancou de lá não só os metaes mas os metalloides em todas as suas combinações, e os saes cujas applicações na industria são continuas e indispensaveis.

Emfim, as descobertas da sciencia têm sido e serão a fonte uberrima e unica de todas as artes que constituem a industria com todo o seu esplendor e magnificencia.

CESAR DA SILVA.

A VIDA INTIMA DO PAPA

O Santo Padre levanta-se ás seis horas da manhã, e diz missa na sua capella, indo depois ouvir uma outra.

As sete, almoça café com leite e dois ovos quentes. O jantar do Papa não custa mais de 900 réis diariamente.

Compõe-se de um caldo, um bife e fructas, que elle rega com um copo de Bordéus.

A ceia come apenas ovos e salada.

Tem um unico cozinheiro que faz ao mesmo tempo as compras, no mercado proximo do castello de Sant'Angelo.

O MEU AMIGO MEURTRIER

CONTO DE FRANCISCO COPPÉE.

Era no tempo em que estava empregado n'uma das secretarias d'estado.

Todos os dias, das dez horas da manhã ás quatro da tarde, constituia-me voluntario prisioneiro em uma triste sala atulhada de massas amarelentas, em que se percebia á legua o cheiro mofento de velhos processos.

Lá almoçava um pedaço de queijo de Italia e maçãs, que mandava assar á bôca do fogão, rimava versos ignorados, lia o meu jornal até aos annuncios, e occupava-me tambem um pouco dos negocios do estado, para ter direito a receber no fim do mez uma somma, que me habilitasse a não morrer strictamente de fome...

Ora de um dos companheiros do meu captiveiro d'essa epocha é que eu me lembrei hoje.

Chamava se Achilles Meurtrier, e realmente pelo seu aspecto formidando e alta estatura bem podia dizer-se digno da tal nome.

Era um homenzarrão de quarenta annos, não muito largo de peito nem de hombros, mas que, para parecer mais grosso, trajava sempre casacos muito folgados e curtos, amplas calças de quadradinhos, gravatas côr de sangue de boi, colleirinhos á Colin, e chapéu de côco. Usava a barba cerrada, os cabellos cortados á escovinha, já grisalhos nas fontes, e vangloriava-se de ter as mãos muito cabelludas.

A unica pretensão de Meurtrier — affectuoso e excellente collega de resto — era ser de constituição athletica, ter musculos de aço, e não conhecer bem a sua força, como elle mesmo dizia.

No exercicio da sua pacifica profissão, não fazia um só gesto, que não tivesse por objectivo convencer os espectadores do seu prodigioso vigor. Quando precisava tirar das estantes algum masso ou pasta, embora estivesse vasia, avançava para a prateleira com o ademan pesado de um moço de fretes, afe-rava-a com toda a gana, e conduzia-a com o braço estendido até á mesa proxima, isto tudo com uma torsão de hombros e um franzir de sobr'olhos dignos de Milon de Crotona.

Por tal modo se possuifra d'esta mania, que apparentemente não manifestava menos esforços para levantar os objectos mais leves; e um dia, que segurava com a mão direita o cesto dos papeis, vi-o estender horizontalmente o braço esquerdo como para contrabalançar o enorme peso!...

E d'ahi, aquelle mocetão robusto inspirava-me profundo respeito, porque eu então era ainda mais franzino e debil do que hoje, e por consequencia muita entusiasta da energia physica, que me faltava.

As conversações de Meurtrier concorriam de molde para exaltar a minha admiração.

De verão, sobretudo, á segunda feira de manhã — quando nos encontravamos na repartição depois do feriado dominical — era um nunca acabar de narrações de sarrafuscas e de valentias. Depois de tirar o chapéu de feltro, o casaco e o collete, e de enxugar a testa á manga da camisa — para accentuar melhor o seu temperamento sanguineo e ple-

thorico, enfiava as mãos pelas algibeiras das calças adentro, e em pé, em frente de mim, n'uma attitude soberba de aprumo, começava um monologo n'este gosto:

— Que domingo! meu caro. Não ha, em verdade, fadiga que me metta medo. Imagina! Era hontem a regata em Joinville le-Pont. O ponto de reunião para toda a companhia do *Marsouin* era em Bercy, nos *Marronniers*, ás seis horas da manhã. Fazia já uma soalheira! Bebe-se um copazio de vinho branco, veste-se uma camizola de riscas, enfiam-se umas calças de cotim, empunha-se o remo, e toca á voga... uma... duas... uma... duas... até Joinville... Toma-se lá um banho antes de almoço. Põe-se a gente em calçotas, trepa á bancada e... catrapuz! Quando acabei de tomar o meu mergulho, veiu-me um appetite diabolico. Deito as unhas ao barco, e digo ao timoneiro. — O Charpentier, salta para cá um naco de presunto. Em tres dentadas furiosas, levei-o ao buxo!... O Charpentier, salta o frasco de aguardente. Em dois goles, escorrupichei-o!... E ainda havia campo para a digestão!

A descripção continuava n'este tom, coruscante, homérica:

Soára a hora da regata. Era meio dia, e o sol estava de queimar. Os barcos formavam em linha no rio scintilante, em frente da barraca enfeitada de vistosas bandeirolas. Via-se na praia o *maire* com a sua facha, a gendarmeria com os seus correaes amarellos, e um formigueiro de *toilettes* de verão, de sombrinhas abertas e de chapéus de palha. Pum! era o morteiro de signal! O *Marsouin* voou como uma setta, e alcançando em primeiro logar a balisa, ganhava o *objecto de arte*. E nem sombras de cansaço! Acabou-se de dar a volta do Marne, e foi-se jantar a Creteil... Ao anoitecer fazia muito fresco no sombrio caramanchel constellado de cachimbos accesos, onde as borboletas nocturnas vinham queimar-se á chamma da ommeletta com kirsch! Ao fim da sobremesa, servida em pratos pintados, ouviu-se a fanfarra do baile Willis. Toca a dansar! Mas já uma companhia rival, vencida n'aquella mesma manhã, acabarcára as mais guapas moças. Então é que foi o dia de juizo! Dentes partidos, olhos amachucados, pontapés por um sarilho, murros no estomago, emfim um poema de entusiasmo physico, de alegria bulhenta e de saude superabundante; isto não fallando da retirada, á meia noite, com as *gares* atulhadas de gente, as mulheres içadas para os wagons, os amigos separados, gritando de uma extremidade para a outra do comboio, os curiosos de trompa na imperial!

E as noites do meu assombroso collega não eram menos divertidas que os domingos. Luctas braço a braço, na barraca de lona, á claridade avermelhada dos archotes, entre elle, simples amator, e Dubois, o homem-canhão, em pessoa; caçadas aos ratos, perto das saídas dos canos de esgoto, com podengos ferozes como tigres; encontros sangrentos, alta noite, nos bairros de má fama, com vadios e valentões de feira, eram os mais insignificantes episodios da sua vida nocturna. E de resto, não me atrevo a rememorar outras façanhas, de indole mais íntima, perante as quaes, como outr'ora se dizia em estylo elevado, a penna mais ousada recuaria de horror!

Por muito desagradavel que seja a confissão de um sentimento ruim, devo dizer que a minha admiração por Meurtrier não era isenta de pezar e de acrimonia, e, por vezes, de sua pontinha de inveja. Nunca, porém, a historia das mais estupendas proezas do meu amigo, despertára em mim a minima suspeita de incredulidade; e Achilles Meurtrier, quasi sem o sentir, tomára logar em meu espirito, entre os heroes e os semi-deuses, entre Rolando e Perithóo!

II

N'aquella epocha era eu já um grande passeador dos arrabaldes, e os ocios das minhas tardes de verão empregava-os em girar sósinho por essas regiões longiquas, tão desconhecidas dos parisienses dos *boulevards* como o paiz dos Caraíbas, e de que eu mais tarde tentei cantar em verso o melancholico encanto.

Uma tarde de julho, quente e poeirenta, á hora em que os primeiros bicos de gaz brilham nas sombras do crepusculo, voltava com toda a pachorra lá da extrema de Vaugirard por uma d'essas compridas e tristonhas ruas dos suburbios, orladas de predios de altura desigual, cujos porteiros e porteiras, em mangas de camisa ou de camisola, assentados ao limiar da porta, imaginavam tomar o fresco.

Quasi nenhum transeunte, salvo, de espaço a espaço, um pedreiro lambusado de gesso, um policia civil, alguma creancinha ajojada com um pão de dois kilos, ou alguma rapariga, estugando o passo, de chapéu e *waterproof*, com a malasinha de couro no braço. E depois, de quarto em quarto de hora, o *omnibus* quasi vasio, voltando á estação, ao trote chouteado dos cavallos esfalfados.

Tropeçando por vezes na calçada, porque então os passeios de asphalto eram ainda luxo desconhecido em semelhantes sitios, descia eu a rua gosando todas as pequenas e agradaveis impressões do passante. Ora parava diante de um terreno devoluto, vendo por entre as frinchas do ripado, esbater-se em céu acinzentado os ultimos clarões do poente, através do escorço preto das chaminés das fabricas; ora, de um lance de vista para a janella aberta de um rez do chão, surprehendia alguma scena familiar, íntima ou pittoresca: aqui uma bella moçoila, aproximando á face o ferro de engommar, para ver se estava na conta devida de calor; alem, assentados á roda de bancas, operarios fumando na sala baixa de uma taberna, emquanto de pé, em frente d'elles, um velho bohemio, de longas melenas grisalhas, accentuava na voz roufenha a palavra Liberdade, acompanhando-se á guitarra sebenta. Scenas de Char-din ou Van-Ostade!

De repente, parei. Um d'estes quadros intimos, de improviso, impressionára-me mais profundamente pela sua tonalidade burguezia e deliciosa.

Tinha um ar tão feliz e tão sereno, na sua pobre salinha, essa boa e velha senhora, vestida de preto, e touca de viuva, assentada na sua poltrona de veludo de Utrecht, esverdinhado, e com as mãos cruzadas sobre os joelhos! Tudo, em torno d'ella, era antigo e modesto, e fora de certo conservado

menos por prudente economia; do que pelo culto da saudade, desde o tempo da sua lua de mel com o sujeito córado, de casaca á Goethe e collete de florinhas, cujo retrato, a pastel, ornava a parede. Os dois castiçais accesos sobre o fogão permittiam distinguir cada um dos promenores da antiga mobilia, desde o relógio encimado por um pecego de jaspe pintado, até ao piano horizontal, de forma desusada, no qual outr'ora, de certo, alguma joven, de mangas largas e penteado á grega, cantára acaso as arias de Romagnesi.

Certamente, alguma pobre e muito extremecida menina, celibataria por ternura filial, velava piedosamente os ultimos annos de viuva. Era certamente ella — não me restava a menor duvida — que aconchegára alli a sua boa mãe, que lhe puzera aos pés a almofada, que tinha arrastado para junto d'ella a pequena banquinha de embutidos, e em cima um prato e duas chavenas. Esperava a todos os momentos vê-la entrar, com o café, a meiga e serena menina, que devia estar toda vestida de luto como sua velha mãe e assimilar-se-lhe muito.

Aborto na contemplação de um quadro tão symphathico, e pelo prazer de imaginar este singelo poema, quedei-me, immovel, a alguns passos da janella aberta, certo de que se não repararia na minha presença na rua já escura, quando vi abrir-se uma porta ao fundo da velha salinha, e apparecer de subito — oh! quem tal imaginaria! — o meu collega Meurtrier, o formidavel heroe das regatas no rio e das pugnas com os saltimbancos!

Atravessou-me o espirito, rapida, uma duvida. Reconheci que estava a pique de descobrir um mysterio.

Era elle todo inteiro! A sua terrivel mão cabeluda segurava uma cafeteirinha de prata, e vinha acompanhado de um cósinho, que aliás lhe estovava o andar, — um manso e classico cão de agua, o cão de agua de todos os cegos de clarinete, o cão de agua do *Enterro do pobre*, de Vignerou, o cão de agua tosqueado á guiza de leão, com manguinhas de pello nas quatro patas, e fartos bigodes brancos como um general do Gymnasio!

— Mamã, disse o gigante com uma voz toda meiguice, aqui está o café. Creio que o achará bom esta noite. A agua estava a ferver, e eu deitei-a gotta a gotta.

— Obrigada! respondeu a velha senhora, achegando a poltrona para a banquinha com azafama senil; obrigada, meu Achillesinho! Teu pae, que Deus haja, muitas vezes me disse, que não havia quem soubesse passar o café melhor do que eu. . . Era tão indulgente e tão bondoso, o excellent homem! . . . Comêgo, porém, a crer que ainda te desempenhas melhor do que eu. . .

N'este momento, e emquanto Meurtrier com o gesto delicado de uma donzella, deitava na chavena o café, o cão de agua, excitado sem duvida pelo assucareiro destapado, poz as patas dianteiras nos joelhos da dona da casa.

— Para baixo, Médor! exclamou com indignação benevolente. Já se viu animal mais inconveniente? Ora, pois! não sabe, que o seu amo se não esquece nunca de lhe dar o sobejo da chavena? . . . Esteja sosegado, ao menos um momento. . . A proposito,

acudiu a viuva dirigindo-se ao filho, tens feito saír o pobre animal, não é verdade?

— Certamente, mamã, respondeu Meurtrier n'uma intonação quasi infantil. Quando fui á vaccaria buscar o leite para amanhã de manhã, puz a colleira e a corrente ao Médor, e levei-o commigo.

— E pôde satisfazer todas as suas necessidades?

— Esteja socegada, mamã. Nada lhe falta.

E tranquilla, no tocante a esse ponto attendivel de hygiene canina, a boa senhora saboreou voluntuosamente o seu café, entre o filho e o cão, que os mirava a ambos com ternura inexprimivel.

Era absolutamente escusado ver e ouvir mais. Adivinhára já a vida de familia pacifica, modestissima, pura e resignada, que o meu collega Meurtrier dissimulava com as suas chimericas fanfarronadas. Mas o espectáculo, que o acaso me proporcionára era tão comico e ao mesmo passo tão commovente, que não resisti á tentação de o gosar ainda alguns minutos, e esta indiscrição deu-me logar a conhecer toda a verdade.

Sim, aquelle typo de valdevinos vulgar, que parecia copiado de algum romance de Paulo de Kock, aquelle valentão, aquelle despota de botequim e de casas de pasto, cumpria singela, corajosamente n'aquella pobre vivenda dos suburbios os sublimes deveres de irmã de caridade. Aquelle intrepido remador, não tinha feito mais longas viagens, do que acompanhar a mãe á missa e ás vespervas, todos os domingos. Aquelle professor de bilhar, quando muito saberia jogar a paciencia. Aquelle domador de bulldogues sujeitava-se a aturar os caprichos de um cão de agua. Aquelle *Mauvais Philibert* era apenas um Antigonol!

III

No dia seguinte, de manhã, quando cheguei á repartição, interroguei o meu collega ácerca do modo por que empregára a noite na vespera. Meurtrier, sem a menor hesitação, improvisou logo a historia de um recontro sinistro, ás duas horas da madrugada, no boulevard do Inferno, em que, tendo por arma apenas a chave do trinco, enfiada no dedo pollegar, derreára com um murro um temivel ratoneiro das barreiras.

Ouvi-o sorrindo quasi ironicamente, e ocorreu-me a idéa de o confundir; mas lembrando-me de quanto é respeitavel a virtude que se occulta mesmo sob aspecto ridiculo — toquei-lhe amigavelmente no hombro, e disse-lhe, convicto:

— És um heroe, Meurtrier!

L. P. e S.

(Trad.)

QUESTÕES SOCIAES

XV

Entre os diversissimos e numerosos cambiantes das varias escolas que procuram estudar e resolver a questão social, uma d'ellas, a que ao presente tem a servil-a, alem de homens de grande valor, os proprios chefes visiveis ou espirituaes de alguns povos, é por certo a chamada escola do socialismo conservador.

Como logo se depreheende da união d'estas duas palavras, a primeira vista tão contradictorias e tão antinomicas, é claro que os representantes e os propugnadores dos principios que essa escola advoga não podem deixar de ser homens de ordem, homens de estado até, inclusivamente monarchas e representantes emfim do mais alto poder que ainda houve no mundo — o poder da Igreja.

Mas o que nem todos convirão em acreditar é que realmente uma tal união possa dar de si alguma cousa de viavel e de util.

Sobretudo para os que persistem em considerar o simples vocabulo socialismo como o espectro vermelho da anarchia e do crime, o facto de lhe verem acrescentar o termo «conservador» não será bastante para que se tranquillissem.

E por seu lado, esses organismos impacientes ou exaltados, que juntamente com alguns espiritos transviados da linha da justiça, e obcecados por baixos e perversitos instinctos julgam que a melhor forma de trazer uma solução ás questões é deshonrarem-n'as, baralhando-as, denegrindo-as, corrompendo-as, e transmittindo lhes o humor negro que lhes azedou o espirito, esses tambem não podem deixar de sorrir com desdem, ou — o que é peor, — de protestar altivamente em presença de duas palavras que elles consideram que só podem ligar-se por meio de um consorcio hybrido e antilógico.

Mas entre estes dois extremos, igualmente perigosos, igualmente falsos, igualmente intolerantes, tracemos a linha de um verdadeiro e justo meio termo, e estaremos seguramente no bom caminho, caminho que, se não vae entestar com o promettido Eldorado, que todos sonham e muitos phantasiam, tem ao menos o merito, já não pequeno, de nos deixar ver um pouco da verdade que se entremostra ao longe, e de nos apontar o perigo e a inutilidade de procurar seguir por outros atalhos tortuosos e escuros...

Socialistas conservadores eis com effeito o que hoje têm de ser, e em geral tendem ou procuram sê-lo, todos os estadistas que vejam um pouco mais e melhor do que o maior numero, ou mesmo do que certas minorias, e eis o que realmente são em mais de um paiz muitos vultos notaveis d'este seculo.

Num d'esses paizes, o mais poderoso, o mais forte, o mais influente hoje no concerto social, o seu tambem mais eminente e mais forte representante, aquelle que, por assim dizer, congloba no seu pensar o pensar de toda a nação, é socialista conservador — apesar de tudo.

O paiz, já o adivinharam todos, é a Allemanha; o homem, quem lhe não sabe o nome? é Bismark.

O grande chancellor que, como já o dissemos n'um artigo anterior, nunca disfarçou as suas sympathias *lassalianas*, é com certeza o mais illustre representante da escola, e tanto basta para afferir o valor d'ella.

Não poderá talvez avançar-se hoje que no seu espirito por essencia *diferente*, como é sempre o espirito dos grandes homens, as idéas que elle em tempo se gloria de professar, pois que a sua amizade e admiração por Fernando Lassalle f'a até ao extremo de o desejar para seu vizinho no campo

e seu visitante quotidiano, sejam as mesmas, ou exerçam sequer uma influencia identica á que em outros dias melhores exerceram n'elle; mas o que parece fóra de toda a duvida é que o chanceller de ferro ou de aço, como queiram, ainda hoje está convencido da excellencia e da utilidade de certas medidas sociaes, cujo largo alcance elle previu, e que teria tentado pôr em pratica e feito vingar se o xadrez europeu não lhe consumisse toda a attenção para a mutação rapida, cuidadosa e imprevisita das diversas figuras...

Não tivesse elle de ser um jogador constante e attento no seu jogo e no dos parceiros, que nós teriamos visto talvez até onde iam as suas afinidades com os ultimos renovadores da questão social.

Resta, porém, saber o que um principio de doutrina, que tem por si individualidades d'esta estatura, vem evangelisar no mundo.

É o que vamos fazer. Diz Laveleye que o espirito allemão deseja antes de tudo, furtar-se á accusação de uni-lateral (*Enseitig*), quer dizer, de parcialidade (*Enseitigkeit*). Assim, esforça-se em ver uma questão por todas as faces, porque como os objectos têm em geral uma parte luminosa e uma parte obscurecida, os que observarem a primeira imaginarão tudo côr de rosa, enquanto que os que lobrigarem a segunda verão tudo negro.

Se algum se lembrar, porém, de fazer voltear o objecto de maneira a poder descobrir-lhe as duas faces, esse algum sustentará que um tal objecto é a um tempo negro e branco, claro e escuro, e n'estas apparentes contradicções haverá uma certa logica e uma tal ou qual realidade.

Assim se originou o socialismo conservador. Tendo inquirido nos principaes economistas a causa do mal estar contemporaneo, elle chegou ás mais desoladoras e ás mais tristes conclusões, a ponto de muitas paginas que um tal estudo lhe inspirou parecer terem sido escriptas por um inimigo irreconciliavel da ordem social; mas logo depois, lembrando-se da outra face da questão, onde outros veriam um mal irremediavel, elle procura achar um remedio que não seja nem um revulsivo nem um drastico, como optariam uns, nem a destruição ou a anarchia como alvitrarão outros.

r. certo que os socialistas conservadores accitam como verdadeira e fiel a sombria pintura da moderna organização social, attribuindo até a origem d'ella ao industrialismo e á bancocracia; mas, ao passo que um economista da escola orthodoxa nos prégará a conhecida formula: «deixae que as leis naturaes actuem; a liberdade guarece as feridas que faz; abri livre curso á iniciativa individual, e tudo irá pelo melhor no melhor dos mundos possiveis»; ao passo que o socialismo democratico dará a entender que o advento da liberdade e da justiça dependerá de entrarem os instrumentos de trabalho no dominio colectivo: o socialismo conservador só verá a salvação no regresso ás instituições que no antigo regimen garantiam á humanidade o repouso e o socego. O livre cambio, a concorrência livre, e a livre usura, eis os males que na sua opinião compromettem e minam pela base a estrutura social.

Não se imagine, porém, que será facil e prompto o remedio para obviar a um tal perigo.

O homem, que passa por ser como que o fundador do socialismo conservador, e que deu á critica socialista uma base scientifica, Rodbertus Jagetzouow, imaginava serem precisos cinco seculos de reformas, de trabalhos, de progressos constantes para a realisação do seu ideal — a propriedade proporcionada aos serviços; e o proprio Lassalle, de quem elle discordava em parte, tambem não exigia menos de dois.

Era, portanto, por meio de melhoramentos successivos embora lentos, que esse illustre pensador, de quem Bismarck fallava com elogio em pleno parlamento, julgava poder achar-se uma fórma de appropriação mais pura e mais equitativa, em virtude da qual a parte de cada um seria proporcionada aos serviços prestados.

O seu livro *Zur Beleuchtung der Socialen Frage* (esclarecimentos sobre a questão social) foi escripto n'esta ordem de idéas, e pela influencia que exerceu como pensador elle mereceu que lhe chamassem o Ricardo do socialismo.

Ao lado de Rodbertus surge-nos ainda um cambiante retrogrado do socialismo conservador, representado por von Gerlach, o qual tentou mostrar que os sacrificios dos proprietarios da terra e dos operarios eram devidos ao liberalismo e á usura, pedindo que os donos dos utensilios e das alfaías do trabalho, ou os que usassem d'ellas, fossem protegidos contra a invasão da grande industria que divide o mundo da produção em duas classes distinctas e hostis, os capitalistas e os salarizados.

É o argumento de Marx, mostrando que o barateamento dos generos produzido pela concorrência origina o triumpho inevitavel dos grandes estabelecimentos, elevando-se sobre os escombros dos pequenos industrias, e reconstituindo assim o feudalismo da industria e da finança, feudalismo escorado n'uma nova fórma de servos de gleba, o proletariado.

Gerlach, porém, ao contrario de Marx acha que o meio de salvação para isto é reconstituir tambem uma classe em que o capital e o trabalho se reunam, e lembra restabelecer as antigas corporações de mesteres, creadas pela lei, e escudadas como o monopolio, como na idade media.

Ainda outros publicistas, apresentam variantes mais ou menos importantes dentro da mesma doutrina, e entre esses Rodolpho Meyer, auctor de uma obra curiosa sobre as luctas de emancipação do quarto estado, invoca a opinião de Rodbertus para demonstrar que o estado deve regular a distribuição da riqueza, em harmonia com a justiça.

No dizer de Meyer até hoje ninguém pensou senão em fomentar o augmento da produção, mas n'um dado momento a questão da distribuição é a mais importante; e quando o desenvolvimento da industria mira a crear de um lado uma classe extremamente rica, e do outro um infinito numero de proletarios, pôde dizer-se que a ordem social se perturba, surgindo como consequencia e como symptoma caracteristico d'esta desordem um luxo immoral, mergulhando na sensualidade-os privilegiados que o fruem, e excitando nos que o não gosam a inveja, o odio e o espirito de revolta.

Tal era tambem o juizo do eminente auctor do *Espirito das leis*, que constantemente insiste na con-

veniência de evitar uma desigualdade excessiva, dividindo, por assim dizer, uma nação em duas classes inimigas.

E esta é a ordem de idéas expendida pelos socialistas conservadores. Rudolf Meyer propõe, por exemplo, fortes taxas nos interesses industriaes e bancarios, reclama vivamente o restabelecimento de leis contra a usura, vae mesmo até limitar o juro pago a todo o capital que não for valorizado por quem o possui, e quer que a missão tutelar do estado se generalise e se alargue, lembrando-lhe que elle deve obrigar os industriaes á construcção de casas para os seus operarios, pagar bem aos que elle proprio empregue, a fim de que o seu *quantum* sirva como de regulador para a industria particular, limitar a duração do dia normal de trabalho, instituir para cada profissão caixas de soccorros e de reforma, organizar conselhos de homens bons para resolver as questões, emfim crear um tribunal de arbitragem para decidir sobre as questões que não tenha sido possível resolver por via de accordo, etc.

Taes, são, em geral, as medidas que o socialismo conservador propõe, e algumas d'ellas representam na verdade uma tão justa e tão nobre aspiração, e importam ao mesmo tempo tantas vantagens practicas, que mais do que um paiz tem procurado tornal-as reaes, convertendo-as em leis. E quanto ao que tenham de utopicas algumas d'ellas, em posteriores artigos trataremos de o examinar.

AFONSO VARGAS.

A PROPOSITO DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1889

A imprudente recusa dos governos monarchicos de se fazerem representar officialmente no grande certamen internacional de 1889 traz-nos á memoria factos passados ha pouco mais de vinte annos, e leva-nos a pôr em confronto o enthusiasmo com que então foi accedido o convite da França, e o retratamento e frieza com que na actualidade tem sido acolhida a idéa da proxima exposição.

Em 1867 a cidade de Paris inaugurava com toda a pompa e solemnidade a sua exposição universal.

Os boatos alarmantes de guerra, a que a imprevisita e ameaçadora questão do Luxemburgo dera origem, tinham-se desvanecido completamente, e a França, desafogada e já livre dos receios que a tinham sobresaltado, recebia a visita dos monarchas e potentados do mundo inteiro.

Paris era então na realidade o centro radiante e glorioso da civilisação, o fecundo manancial d'onde dimanavam e irrompiam as idéas mais sublimes e os pensamentos mais arrojados, e onde se exhibiam diariamente as mais phantasticas concepções da actividade humana, do genio e do talento.

De toda a parte accorriam pressurosos os imperadores, reis, estadistas, banqueiros, tudo emfim que ha de mais notavel e illustre no mundo politico e da alta finança, e a todos Paris recebia em seu seio, com a proverbial amabilidade e cortezia franceza, que não pôde ser excedida, nem mesmo encontrando paralelo em paiz algum do mundo.

E, comtudo, a exposição universal de 1867 não

tinha só por mira patentear e pôr em relevo os progressos e adiantamentos das artes e das industriaes.

As esplendidas festas que se celebraram nas Tulherias e no Hôtel de Ville, em honra dos regios visitantes, ofuscando tudo o que se relata de magico e deslumbrante nos contos orientaes, demonstram quanto empenho o imperador Napoleão III punha em ver realisadas as suas utopias philanthropicas. Fazíamos-lhe justiça. O fim secreto a que visava, convidando todos os monarchas a vir a Paris, sob pretexto da exposição, era sem duvida de grande alcance e altamente humanitario. N'esta especie de congresso confiava elle que se assentariam as bases definitivas para a federação das nações, trazendo como consequencia immediata o desarmamento geral dos grandes exercitos europeus; que se concordaria no modo pratico de resolver as questões internacionaes por meio da arbitragem, dando emfim aos povos todas as garantias de paz, de modo que os seus esforços se concentrassem só no desenvolvimento das industriaes, e em procurar mais vasto campo á sua expansão commercial.

Chimericas illusões! Tres annos depois, a mais cruel decepção demonstrava-lhe quanto eram insensatos e pouco realisaveis os grandiosos projectos que havia concebido.

Mas, voltando ao assumpto que nos preoccupa, perguntaremos:

Qual é o motivo que afasta hoje os paizes monarchicos, e os impede de prestarem o seu valioso concurso á futura exposição?

Qual o motivo que os leva a declinar o convite cavalheiresco da França, recusando-se terminantemente a tomar parte n'esse grande certamen da industria?

Custa deversas a acreditar em tão obstinada recusa, que não assenta, a nosso ver, em razões plausiveis. Dizer-se que essa exposição tem como principal intuito glorificar a famosa revolução franceza, não nos parece argumento serio e concludente.

Que nação ha ahí que não deva alguma cousa á gloriosa revolução de 1789?

Pela nossa parte entendemos que a todos os paizes cabe o dever moral de festejar essa data memoravel, porque todos mais ou menos têm partilhado dos beneficios fructos que a arvore santa da liberdade produziu, e que a França com mão prodiga espalhou por todo o universo.

A actual republica franceza tem dado evidentes demonstrações dos seus intuitos pacíficos, e provas irrecusaveis de boa administração politica e financeira, que pôde mesmo servir de modelo a nações que se julgam bem administradas; portanto tem jus a ser respeitada, e não merece por forma alguma a desconsideração que alguns governos, sobretudo os que se têm na conta de liberaes, lhe pretendem fazer, recusando-se a concorrer com os seus productos á grande exposição de 1889.

Como não somos pessimistas, resta-nos ainda a consoladora esperanza de que, no intervallo que vae decorrer até á epocha fixada para a inauguração, os poderes dirigentes de alguns d'esses paizes, e com especialidade do nosso, terão tempo de reflectir, e talvez, quem sabe, de modificar a primitiva resolução.

P. FREITAS.

HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

la esmorecendo a festa. Depois das Mendes, que haviam insistido em retirar-se, o Lara levantára-se também, e logo após Anacleto, que contemplava enlaidado a filha do banqueiro.

Em seguida tinham saído as Sousas; e enquanto á porta as mãas esfriavam, de envolta com os agradecimentos da praxe á D. Felicidade e ao marido, ouviam-se vozes de raparigas pedindo á filha que as recommendasse á irmã, quando lhe escrevesse, e se ella ainda se demorava em Paris.

Então, a menina Guimarães, chuchuribando beijos, respondia que sim, entre gargalhadas miudas, risinhos, confidencias, observações...

— Aquella ingrata, não ter pena de nós! murmurava uma das Sousas, mas a irmã opinava que fazia ella muito bem, divertir, divertir emquanto era tempo, no que concordaram todos.

— Ella com quem foi? inquiria o deputado Mezes, com ares de intimidade.

E por sua vez o sr. Guimarães teve de explicar que a pequena fôra com a familia do seu collega Olivedo.

— O Olivedo? perguntavam do lado, denotando espanto.

— Sim, o Olivedo, confirmava o sr. Guimarães, admirado da estranheza que provinha de se segredar entre as familias não se dar elle bem com a esposa.

E como o sr. Guimarães percebesse emfim o motivo inicial do espanto, reforçou, com grande copia de confidencias, que era uma falsidade o que se espalhava, e que os esposos Olivedo eram até muito amigos.

— Bôcas do mundo, bôcas do mundo, confirmavam em côro os ultimos convidados, descendo as escadas, enquanto a mãe das Sousas, muito cautelosa, cheia de receios e de abafos, insistia com as filhas que tomassem cuidado com os golpes de ar, muito traiçoeiros, sobretudo estando-se a transpirar.

E foram as ultimas palavras que se ouviram no espaço.

D'ali á meia hora a D. Felicidade ia, pelo sim pelo não, dizer á filha, que contasse as colheres de prata, o sr. Guimarães ajudava o Thomé a apagar as vélas, verificando tudo, por causa dos fogos, e a menina Guimarães recolhia-se ao quarto, a escrever as suas impressões.

Fôra para ella uma noite plenamente feliz essa que dentro em pouco se perderia na infinita confusão de todas as outras, e não lhe saía do espirito a impressão entre graciosa e confusa que lhe causára o contacto apaixonado do aspirante, — que demais estava a saír official.

Os dois haviam mesmo fallado em casamento, nos seus projectos de futuro, na felicidade da vida, quando se é amado, em sonhos, utopias, idéas, e mil deliciosas bugiarias do coração e da mocidade, de que se riem os scepticos, — e os que não são aspirantes... ao casamento.

Depois Alvaro, era este o seu nome, nome que Sophia, a menina Guimarães, parecia ter-lhe soado

como uma divina musica, confessára-lhe as suas máguas íntimas, como antes de a ver vivia tão desanimado e tão só, sem coragem para lutar, sem estímulo para o estudo, sem confiança no futuro, melancólico, abatido, doente, quasi, e como agora, tudo lhe sorria e brilhava, como lhe voltára a fé que sentia extinta, a confiança que suppunha perdida, o enthusiasmo até, que julgava morto.

E, phenomeno notavel, parecia-lhe mesmo o mundo mais bello, e a sociedade mais alegre, descobria na physionomia das cousas mysteriosos segredos ignorados, eloquentes correlações com a sua alma, infinitos cambiantes de sensibilidade que eram toda uma linguagem fascinadora e cantante para o seu coração emocionado e vibratil, afigurando-se-lhe que os mesmos livros, que d'antes tão massadores e hypocondriacos achava, distillavam agora uma essencia penetrante e suave, onde pairava acaso o embridador sôpro da divina e incorruptivel sciencia...

Depois, até as pessoas, que outr'ora não podia tolerar e que tantas vezes tratára com violencias de caserna e ameaças de colérico, como que se haviam transfigurado n'algum banho de juvenildade e de alegria, porque as tratava todas bem; e, detalhe precioso, a algumas chegára mesmo a achar-lhes graca.

N'um camarada que tantas vezes acoiará de imbecil e de cretino, descortinou um certo talento, e sobretudo muito bom senso, e quanto a si, circumstancia decisiva, ia jurar que trazia tambem todos os sentidos mais acepillados e mais finos, reconhecendo, com psmo, que as flores se lhe apresentavam ao olfato com um aroma mais captivante e mais vivo...

E tudo isso elle dissera á sua boa Sophia, n'um fluxo interminavel de palavras, de revelações, de risos... que a deixaram extasiada e rendida, cheia de amor, cheia de orgulho...

Tudo isso ella ouvira com esse ar meio indifferente, meio curioso, apaixonado e estranho, cheio de interrogações e cheio de duvidas, que é a eterna força e o irresistivel encanto das mulheres, e que ainda ninguem descobriu se é um prodigio da arte ou um dom da natureza, ou as duas cousas a um tempo.

No fim d'essa noite Sophia ficára sabendo tudo o que quizera saber, deixando apenas adivinhar parte do que entenderá dever revelar.

Quando a Alvaro, este ainda lhe agradeceu com extremos de gentileza essas meias palavras proferidas de corrida, esses sorrisos apenas esboçados, esses monosyllabos mal reprimidos, essas confidencias levemente principiadas, com que ella correspondêra por seu lado á confissão espontanea e ardente que elle lhe fizera...

Era isto, pois, que ella agora repassava em espirito no silencio casto do seu quarto de dormir, em frente do seu pequenino leito virginal e branco, olhando para o seu caderno de notas, aberto em cima da secretaria de pau rosa, uma secretaria ligeira e elegante, presente do tio Paulo, que adorava a sobrinha, e que a estragava com mimos, na opinião de D. Felicidade, a qual dizia isto a rir, pensando o contrario, e claro.

(Continúa).

THÉOTISTE LEFÈVRE

O grande typographo francez, cujo retrato acompanha esta singela noticia biographica, nasceu em Paris, a 17 de setembro de 1798. Filho de um habil compositor, e destinando-se á mesma profissão, completou a respectiva aprendizagem, em 1813, na casa do sr. Eberhart, proprietario de uma typographia especialmente destinada para a impressão de obras em grego e em linguas orientaes. Trabalhou depois na officina do sr. Rignoux, excellent impressor e fundador parisiense, tendo então por aprendiz o sr. Fr. Buloz, o futuro fundador da *Revista dos dois mundos*. Como desde muito moço o sr. Théotiste Lefèvre se tornasse notavel no mundo typographico pelas suas extraordinarias aptidões, foi convidado em abril de 1829 para organizar em Saint-Germain en-Laye, a primeira imprensa, que houve n'aquella cidade, dirigindo-a até á morte do proprietario, o sr. Abel Goujon, em 1834. Foi n'aquella imprensa, que levou a cabo a sua primeira innovação em typographia, innovação racional e feliz, que consistiu em modificar a defeituosa caixa franceza, apoz rigorosos calculos do emprego proporcional de cada sorte de letra na composição de obras communs. Figurou o modelo d'esta caixa na exposição de 1834, sendo adoptado depois em varias officinas.

No mesmo anno commetteu-lhe o sr. Rignoux a criação e direcção de um estabelecimento typographico em Fontenay, cerca de Montbard (Côte d'Or), com a particularidade de que a composição devia ser confiada exclusivamente a raparigas do campo.

Não era nova a idéa, porque já em 1794 existia uma *Imprensa das mulheres*, creada sob os auspicios da convenção nacional, com a differença, porém, de que as compositoras não eram então mocinhas camponezas, senão mui legitimas cidadãs de Paris.

Em oito mezes habilitou o sr. Théotiste Lefèvre em Montbard vinte e quatro raparigas a compor muito regularmente, não só o francez, mas tambem o grego. D'esta officina saiu uma unica obra: o *Direito das gentes*, de Vatel (1835, 2 vol. in-8.), vende-se compellido o sr. Rignoux a fechal-a por falta de meios.

Adquiriram todo o material os srs. Firmin-Didot, fazendo-o transportar em agosto de 1835 para Mesnil-sur-l'Estrée, e mais grande resolveram estabelecer uma officina similhante, em grande escala.

Como era natural, o sr. Théotiste Lefèvre foi chamado para organizar esta nova criação, de que, para assim dizer, foi a alma, e que dirigiu durante longos annos, atravez de muitas contrariedades, desgostos e perigos até, porque, como muito bem diz um seu esclarecidissimo biographo, o sr. Pawlowski, não ha reforma util, que, no periodo de transição, não seja alvo de violentos ataques de uma certa categoria de individuos, que só ao fim de muito tempo vem a reconhecer, quando reconhecem, a sua vantagem.

Com a serenidade de um philosopho supportou o sr. Théotiste Lefèvre todas as provações; o seu zelo e dedicação á obra empreendida sob os auspicios de um nome glorioso

nos annas da typographia não esfiriaram nem esmoreceram, porque vira n'ella a realisação de um progresso social: assim, pois, com modestos elementos pôde o estabelecimento de Mesnil, n'um periodo relativamente curto, começar a concluir a impressão da grande colleção dos classicos gregos e latinos, do celebre humanista Nizard, bem como outras obras importantes.

Em 1842, pela valiosa recommendação dos srs. Didot, foi o sr. Théotiste Lefèvre a Florença para montar uma typographia modelo, e por essa occasião introduziu na Italia o primeiro prelo mechanico.

Não era proprio do caracter generoso e expansivo do eminente typographo reservar só para si e para os que o cercavam o fructo dos seus longos estudos e laboriosa experiencia. Resolveu, portanto, codificar as regras da arte, á qual o seu nome ficou para sempre vinculado. Em 1855 saiu a lume a primeira parte do seu *Guia pratico do compositor typographico* (Guide pratique du compositeur d'imprimerie).

Esta obra, sem hyperbole, magistral, e que no nosso paiz é assaz conhecida e justamente apreciada, foi na exposição universal de Paris, premiada com uma medalha de 1.ª classe, e o auctor condecorado com a Legião de Honra.

A segunda parte do *Guia* publicou-se em 1872, sendo especialmente consagrada a tudo que diz respeito á tiragem ou impressão manual e mechanica. O conjunto das duas partes constitue, por sem duvida, o manual mais completo, mais perfeito e mais adequado, que existe, pela sua extrema clareza, para uso dos compositores, conductores de machinas, impressores manuaes, directores e chefes de officinas, revisores, e até para os proprios auctores.

Foram os dois volumes refundidos em um só, em nova edição, augmentada e correcta, com o titulo: *Guia pratico do compositor e impressor typographicos* (Guide pratique du compositeur et de l'imprimeur typographique. Paris, Firmin Didot, 1883, in-8.).

O governo portuguez, por indicação do sr. conselheiro Deslandes, administrador geral da imprensa nacional, agradeceu o sr. Théotiste Lefèvre com o grau de cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa,

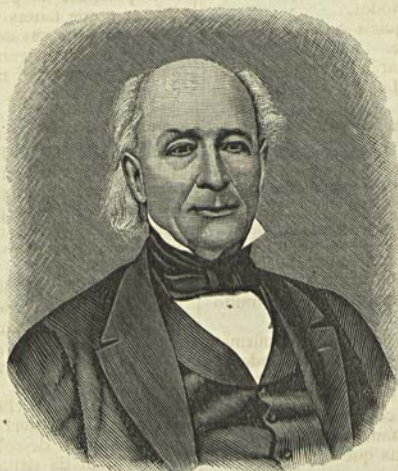
em attenção ao seu merito. Um consideravel numero de empregados e artistas d'aquelle grande estabelecimento, admiradores convictos do illustre typographo, em cujo precioso *Guia* têm encontrado noções utilissimas e muita lição proveitosa, dirigiram-lhe, por esta occasião, uma affectuosa mensagem, felicitando-o por tão merecida graça.

O sr. Théotiste Lefèvre, áquella manifestação espontanea e sincera, respondeu, em 6 de setembro de 1884, com a carta que transcrevemos no idioma original:

«Messieurs et chers confrères.—Je viens de recevoir de Monsieur de Sousa, la lettre honorable et très flatteuse que vous m'avez adressée et dont il avait eu l'extrême bonté de se charger.

«Si quelque chose, Messieurs, a pu ajouter à l'extrême satisfaction que m'a fait éprouver la haute distinction dont j'ai été gratifié par votre souverain, c'est, n'en doutez pas, l'agréable pensée que vous, mes pairs justement appréciés de l'imprimerie nationale de Lisbonne, ne m'en trouvez point indigne, et les termes si affectueux avec lesquels vous m'en témoignez l'assurance.

«Veuillez, je vous prie, Messieurs et chers confrères, agréer,



THÉOTISTE LEFÈVRE

chacun en particulier, avec mille remerciements, et la certitude de ma considération distinguée, un serrement de main cordial.»

Tão distincto mestre como o sr. Théotiste Lefèvre poderia sem duvida alguma aspirar a tornar-se proprietario de officina; preferiu, todavia, viver sob o regimen paternal da dynastia Didot, cujos membros, durante tres gerações, nunca deixaram de ter por elle as maiores atenções, e de testemunhar-lhe profunda estima. Era para os srs. Didot mais do que um collaborador conspicuo o sr. Théotiste Lefèvre, era um amigo dedicado, e como tal o tratavam e consideravam. De resto, o sr. Théotiste Lefèvre lá fundou tambem a sua dynastia, que vae já na terceira geração, de directores e de chefes de officina da typographia Didot. Este facto, constitue o mais formoso elogio dos proprietarios e de seus empregados.

Confiada a direcção da imprensa de Mesnil a seu filho Carlos Lefèvre, que, apoz trinta annos de excellentes serviços, se aposentou recentemente sendo substituido pelo seu filho Théotiste II, o sr. Théotiste Lefèvre, o avô, veio tomar em Paris a direcção dos trabalhos typographicos da celebre casa Didot, concorrendo em grande parte com a sua indisputavel competencia para a soberba execução de uma boa parte das publicações da mesma casa.

Manifestando o principe imperial, em maio de 1870, o desejo de, a exemplo de Luiz XV, aprender a arte typographica, o sr. Théotiste Lefèvre foi designado para seu mestre. Não permitiu a guerra proseguir no louvavel projecto, e a pequena imprensa estabelecida por elle em Saint-Cloud, foi presa das chammas durante o cerco de Paris.

Em 1878, resolvendo o sr. Didot, introduzir na imprensa uma classe desherdada da natureza, as surdas-mudas, foi ainda o sr. Théotiste Lefèvre incumbido de pôr em execução a generosa idéa, tomando conta do seu ensino profissional.

Foi mais um triumpho, o ultimo, para o octogenario patriarcha, que conseguiu, á força de inauditas diligencias e de invicíveis esforços de paciencia, dotar o Mesnil de uma officina especial de compositoras habéis, arrancadas ao mais lastimoso infortunio, officina que continúa prosperando sob a direcção de seu genro, o sr. Pamphilio Boudet.

Na idade de oitenta e seis annos, o sr. Théotiste Lefèvre accceitou finalmente a reforma, que lhe era offerecida com instancia, passando as suas funcções a ser exercidas pelo sr. Marcial Boudet, seu neto; mas nem por isso deixou de estar em relações immediatas com a sua querida imprensa, entretendo os ocios na leitura de provas com que se deliciava.

«Théotiste Lefèvre era uma natureza de escolha sob todos os aspectos, escreve o sr. Pawlowski. Havia a chamma do genio na sua elevada intelligencia; pelo esforço proprio adquiriu uma instrucção solida e variada, tão grandes eram as suas faculdades assimilativas, supprindo a falta de certos conhecimentos com uma pasmosa força de intuição. Espirito todo clareza e simplicidade, como o coração, era dotado de uma eloquencia real, persuasiva, delicada. Com taes dotes, se as circumstancias o houvessem impellido para uma carreira mais elevada, certamente se tornaria um dos nossos luminares, como foi a gloria da typographia. Mas era mais que uma intelligencia: era um caracter íntegro. Consumiu toda a vida na pratica dos mais puros preceitos da moral evangelica; o sentimento do dever, a abnegação, o amor do proximo, a mais larga tolerancia pelas idéas, que aliás não partilhava, a pureza da vida particular. Era um sabio, e a sua vocação, o apostolado sob uma fórma qualquer. A bella phisionomia do sr. Théotiste Lefèvre era o verdadeiro espelho da sua alma, da serenidade da sua consciencia e da sua inalteravel bondade. Por isso não contava senão amigos...»

Era socio honorario da associação typographica lisbonense e artes correlativas o sr. Théotiste Lefèvre. Conservámos como inapreciavel reliquia, na nossa pequena collecção de autographos, a carta, que o venerando typographo nos dirigiu, em 29 de janeiro de 1887, accusando a recepção do respectivo diploma, e na qual affirma que «*cousa alguma lhe podia ser mais agradável do que aquella distincção, que acrescentava um flôrão de grande preço á sua modesta corôa de operario!*»

Poucos dias depois de escrever a carta a que nos referimos, recrudesceram os padecimentos que já n'ella accusava, com magua, acaso saudoso dos seus queridos labores de officina, e a 7 de marco de 1887 expirava, tranquilamente, quasi sem agonia, cercado de todos os que lhe eram mais caros, e tivera ainda a fortuna de ver considerados e tidos em muito apreço, conservando intactas todas as faculdades até o momento supremo.

Á sua derradeira morada acompanharam-n'o, commovidos, numerosissimos amigos seus, e de seus filhos e netos, bem como todas as notabilidades da profissão, proferindo o sr. Alfredo Firmin Didot, á beira da sua sepultura, um sentido improviso, em que, nos termos mais levantados e eloquentes, enalteceu os meritos relevantes e as virtudes d'aquelle que fóra honrado e glorioso collaborador da sua casa por espaço de mais de meio seculo.

Acciteem os esclarecidos descendentes e dilectos discipulos do sr. Théotiste Lefèvre estas singelas linhas como sincera homenagem de respeito sagrada á memoria do que será sempre reputado, não só como um dos grandes mestres da arte typographica, senão como modelo exemplarissimo das mais brilhantes qualidades do cidadão e do artista.

F. PEREIRA E SOUSA.

A NOIVA

(ROMANZA)

Sustenta, leve, na dourada trança
Sondada crôa, a laranjeira em flôr...
N'alma o receio, o vacillar... a esp'rança
— Languidos sonhos d'infinito amor!

E a noiva formosa,
A ingenua vestal,
Correu pressurosa
Buscando o ideal.

Pulsam-lhe os seios com desejos vagos,
Anciosa espera — sem saber o quê;
Já nem lhe lembram maternae afflãos
Cerrando os olhos outros novos vé.

Que amor, que demencia
Se exhaure n'um ail!...
E a flor da innocencia,
Desfolha-se e... etc.

ANTONIO CORREIA.

ALGUMAS INFORMAÇÕES

Á CERCA DA

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA DE 1888

O sr. ministro das obras publicas deu ordem expressa para que, pelo seu ministerio, se enviassem todos os esforços, a fim de que a industria mineira, sujeita á fiscalisação do estado seja condignamente representada na exposição industrial portugueza de 1888.

Está constituida uma commissão, sob a presidencia do sr. José Augusto Cesar das Neves Cabral, digno inspector do corpo de engenharia de minas, que trata de realizar a exposição mineira com o maior desenvolvimento possivel, tanto no que diz respeito aos productos metallicos, como aos não metallicos, ás aguas mineiras, á exposição de cartas e de modelos de machinas mineiras, etc.

Estão encarregados da installação da exposição mineira, que deve ser de todo o ponto interessante, os srs. engenheiros Neves Cabral, José Verissimo Mendes Guerreiro e Severiano Monteiro.

A commissão vae solicitar do sr. ministro das obras publicas a construcção de um annexo, para que a industria possa ser tão condignamente representada como s. ex.^a deseja.

A comissão dos annexos da exposição resolveu por unanimidade na sua ultima reunião:

1.º Que o lado direito da avenida (lado oriental) seja defezo a construcções particulares e reservado ás construcções do governo;

2.º Que a preferencia do local se dê á preferencia do pedido;

3.º Que as construcções particulares se sujeitem ao systema de illuminação e policia adoptado pela commissão;

4.º Que só é permitida a venda de vinhos e generos comestiveis nos restaurants.

Approvou tambem a mesma commissão os projectos dos annexos dos seguintes expositores:

N.º 1. Empresa Industrial portugueza (superficie occupada, 630 metros).

N.º 2. Dr. Carlos Mayer (superficie occupada, 160 metros).

N.º 3. Empresa ceramica de Lisboa (superficie occupada, 9 metros).

N.º 4. Eduardo Augusto Pinto de Magalhães (superficie occupada, 64 metros).

N.º 5. Maximiano Schreck (superficie occupada, 100 metros).

Approvaram-se os projectos de dois kiosques, um para venda de tabacos, e outro para venda de flores; e foi resolvida a construcção de dois *restaurants* com 15 metros de fundo por 25 de comprimento.

A commissão executiva da exposição industrial portugueza, com uma secção agricola, que deve realizar-se na Avenida da Liberdade no proximo mez de maio, lembra aos srs. industriaes e lavradores, que ainda não tenham requisitado espaço, a conveniencia de não demorarem os seus pedidos, e que precisando de quaesquer impressos ou esclarecimentos lhes serão prestados, todos os dias, das oito horas da manhã ás oito horas da noite, na sede da associação industrial portugueza, rua Ivens, n.º 10, 1.º andar.

Os volumes com os objectos destinados á exposição, marcados com as iniciaes E. I. P., deverão ser expedidos com a possivel brevidade nas respectivas estações do caminho de ferro com destino á de Lisboa, e consignados á commissão executiva. O transporte é pago n'esta cidade pela mesma commissão. Igualmente se previnem os interessados de que o praso para a recepção dos productos foi prorogado até 16 de abril proximo. Lisboa, 25 de março de 1888.

A circular da commissão nomeada pela assembléa geral da associação typographica lisbonense e artes correlativas, para de accordo com a benemerita associação industrial portugueza, empregar todos os meios ao seu alcance para que as artes graphicas tenham no grande certamen, que se prepara, representação tão completa e brilhante como seja possi-

vel, recebeu o mais lisonjeiro acolhimento da parte da grandissima maioria dos industriaes e membros da classe a quem foi dirigida, nem outra cousa era de esperar da sua illustração e patriotismo.

Podemos já annunciar que concorrem á exposição com importantes trabalhos, os srs.:

Adolpho & Modesto (typographia e lithographia).
Alfredo de Carvalho (ex-director da typographia elzeveriana).

Armando Pedrozo Gomes da Silva (gravador em madeira).

Augusto Féris (officinas de encadernação).

Bécarre (La) (typographia e papelaria).

Bizarro & Silva (typographia).

Brito, Rego & Nogueira (typographia e lithographia).

Caetano Alberto da Silva (gravador em madeira).

Casa portugueza (typographia e papelaria).

David Corazzi (casa editorial, typographia e officina de encadernação).

Eduardo Rosa (typographia).

Fabrica de papel de Alemquer.

Fabrica de papel da Louzã.

Fabrica de papel de Ruães.

Henrique Zeferino (casa editorial, typographia).

Justino Guedes (lithographia).

Lallemant & C.ª (typographia).

Lithographia de Sãnhudo & Irmão (Porto).

Luciano Lallemant (gravador em madeira).

Luiz Antonio dos Santos (officina de encadernação).

Manuel Diogo Netto (gravador em madeira).

Manuel Ignacio Dias, Goes (papeis de impressão).

Martins de Almeida (typographia e papelaria).

Mattos Moreira & C.ª (casa editorial e typographia).

Typographia do *Correio da noite*.

Typographia e stereotypia moderna.

Typographias, da *Academia*, de Manuel Caetano da Silva, da *Ordem, União e Operaria* (Coimbra).

Dos estabelecimentos officiaes apresentão-se na exposição, além da imprensa nacional, a secção artistica da direcção geral dos trabalhos geodesicos e a typographia da academia real das sciencias de Lisboa.

A direcção da associação industrial portugueza, em sessão de 27 de março, resolveu conceder para a installação de todos os productos das artes graphicas o *primeiro pãnhão do lado oriental e a parte da galeria que se lhe segue*. Do lisonjeiro officio em que o mui esclarecido presidente d'aquella illustre associação communica ao presidente da commissão especial da associação typographica lisbonense e artes correlativas o que fôra deliberado, transcrevemos estes dous eloquentes periodos.

«É justo que a exposição industrial comece pela secção typographica e artes correlativas, porque representam a grande luz, que illumina todas essas maravilhas do seculo, e a ellas se devem os nossos adiantamentos e os nossos progressos.

«Paiz que tem a arte typographica na altura em que ella entre nós felizmente se encontra, é realmente digno da liberdade que disfructa e da consideração

que lhe prestam todos os povos cultos. É isso o que significará o logar de honra que a associação industrial lhe destina, e que eu com prazer registro, porque representa ao mesmo tempo uma homenagem merecida aos esforços inteligentes e ao patriotismo dedicado d'essa comissão, á qual a exposição nacional deverá um dos seus mais brilhantes triumphos.»

Não receeis que a descentralisação seja a disgregação. O governo central ha de e deve ser sempre uma acção poderosa na administração publica; ha de e deve cingil-a; mas cumpre restringir-lhe a esphera dentro de justos limites, e os seus justos limites são aquelles em que a razão publica, e as demonstrações da experiencia provarem que a sua acção é inevitavel. O ambito d'esta não deve dilatar-se mais.

ALEXANDRE HERCULANO.

CHRONICA MUSICAL

D. BRANCA

Opera em 4 actos e 1 prologo, de Alfredo Keil

Antes de mais nada, a inauguração d'esta secção não significa que n'este jornal tivesse agora rebentado, como um gorgulho, á ultima hora, esse conhecido e venenoso cogumelo — venenoso na opinião de varios — de um critico musical. Não senhor, aqui não rebentou cousa alguma.

O nosso intuito é apenas registrar de corrida as impressões de qualquer factio que sobre o assumpto nos solicite a attenção e nos captive o espirito, e nada mais; por isso, senhores criticos, passae de largo.

É agora, vá de começar, dando, sem outros preambulos, um forte, um vehemente aperto de mão a Alfredo Keil.

Quando se escrevem paginas e paginas como ha n'aquelle primoroso *spartito*, que o publico tem corrido a ouvir a S. Carlos, quaesquer que sejam as reservas que lhe possam ou devam fazer os entendidos, o que é incontestavel é que se possui um talento creador e vivo, uma inspiração original e fresca, e bellas e innegaveis faculdades de observação e de estudo.

Não sabemos o grau de intensidade da erudição musical de Keil, não julgámos até que elle seja um erudito em *do-re-mi*; cremos mesmo que não é; mas o que cremos e o que sabemos é que elle tem esse divino *quid* mysterioso, que só por si a erudição não dá, e que acha effeitos, motivos, phrases, que muitos sabios na materia procurariam em vão.

Julgámos tambem que na sua opera deve notar-se mais de uma imperfeição e de um defeito; mas, louvado seja o Senhor Deus da Harmonia, acreditámos que todos, até os mestres, com M grande, os commettem, quanto mais os que ainda o não são.

Em certas obras primas de Chopin, de Beethoven, de Schumann, quantos esmiuçadores não viram faltas dignas de ferula? É ler tambem o curioso prefacio do celebre tratado de harmonia de Berlioz,

para ver como até as proprias innovações de um ou outro musico de genio eram aferidas pela critica pulverulenta e caturra dos *entendidos*.

Quanto mais os principiantes! Mas, vamos á opera, e deixemos em paz os mestres e os criticos, ambos com letras maiusculas.

Em primeiro logar, como agora a mania é querer filiar tudo n'uma escola, de que escola será a *D. Branca*?

Proclamam alguns que ella é da escola allemã. Esses são os germanophilos. Ha os que sustentam que o que ella é, é franceza. Esses, os germanophilos e os francezophilos. Citam-se ainda uns terceiros, que espalham aos ventos que as sympathias da *D. Branca* e até a sua ascendencia são italianas. Esses são os latinophilos. E finalmente um certo numero sustenta que a opera de Keil não tem escola, ou antes, para ser mais correcto, que não é caracterisadamente de uma dada escola, pela simples rasão de ser de todas.

Deus nos livre de querer dar rasão a qualquer d'estes grupos; mas o que se nos afiguro foi que effectivamente no trabalho de Keil havia vestigios de diversas *maneiras* musicas, e as influencias que lá nos pareceu reconhecermos foram as de Massenet, Verdi, na sua ultima evolução de genial e prodigioso artista, Meyerbeer, e Wagner, sobretudo nos desenhos orchestraes, que são por vezes primorosos.

É claro que não nos desvanecemos de haver acertado, mas quer-nos parecer que talvez não andassemos longe...

E, entre parenthesis, uma aclaração, por causa dos mal entendidos. Com isto não queremos dizer que Keil plagiou. Um talento espontaneo, como o d'elle é, nunca plagia; inspira-se, penetra-se, impregna-se de quanto de realmente bello lhe inebriou o espirito e lhe excitou o sensorio, e não vae mais adiante.

Instinctivamente, e inconscientemente até, já hoje todos se imitam ou inspiram uns aos outros, musicos, poetas, pintores, combinadores dos sons, das côres, das fórmias.

Vem-nos isso do immenso e colossal trabalho d'este seculo, que tudo ingeriu e esgotou, e que fez de cada cerebro em cada especialidade, um vasto armazem de formulas, de impressões, de reminiscencias, que já quasi nem ha tempo, nem capacidade nem substancia nervosa que cheguem para transformar isso tudo, completamente e radicalmente n'um productio, n'uma concepção, n'uma fórmula, que sejam de todo originaes, sem que, todavia, se possa dizer que são copiados, plagiados, imitados...

Tal o caso de *D. Branca*. De quando em onde um trecho aponta, que nos *recorda* uma passagem mais ou menos conhecida nossa, mas para logo se perde na trama emmaranhada de outros trechos que tornam a *recordar-nos* qualquer outro motivo estranho, até que por fim nós concluimos que aquillo o que terá, quando muito, é um certo ar de familia, um certo cunho da epocha ou do momento historico em que foi concebida, e nada mais logramos apurar.

Logo, não é este um defeito de Keil, ou se o é,

partilham d'elle todos os trabalhadores cerebraes contemporaneos.

Tranquillisemo-nos, porém, e que apesar d'isto ainda fica a cada espirito que quer lutar espaço bastante para em meio de um tão vasto *pandemonium*, como é a intelligencia d'este final de seculo, poder ainda afirmar-se, individualisar-se, caracterisar emfim o seu typo e o seu eu.

Succede isto com Alfredo Keil. Ao lado dos trechos em que porventura se accentua a influencia de um ou outro mestre, surgem desenhos proprios originaes, que nos denotam que se esse rapaz tiver a felicidade suprema de ser dotado com um temperamento que lhe permitta persistir, lutar, investigar, se elle, a par com o estudo que fecunda, poderá ter a paciencia e a tenacidade que edificam e que corrigem, ha de fazer dentro de pouco obras ainda de mais largo folego que a *D. Branca*, embora mais simples do que ella.

Dissemos mais simples, porque na *D. Branca* ha talvez musica em excesso.

Este é effectivamente o senão do *spartito* de Keil, como é em geral o senão de quasi todos os principiantes em todas as manifestações da actividade intellectual — ser plethorico, abundante, pesado por vezes. No caso sujeito, por exemplo, vê-se que junto com o oiro finissimo de phrases inspiradas que um mestre acaso não desdenharia, vem á mistura alguma ganga que o proprio Keil mais tarde reconhecerá.

Mas, compensando, que bellezas já, espalhadas pelos diversos numeros que formam este formoso trabalho, e que promessas nos proprios exageros que alguns lhe notam!

Citar miudamente, para que, se a nossa missão não é, como dissemos, nem quer ser criticar, mas simplesmente registrar?

Todavia, para obedecer a este verbo, lá vae o que registámos. No prologo:

A aria do barytono *Inspira-me*; o concertante; no primeiro acto a aria do baixo depois do côro a *la figlia del rè così parlar*, uma fina phrase original de um tom estranho e distincto, que depois se desenvolve no bello concertante que fecha o acto.

Todo o segundo acto que o publico e criticos já resolveram considerar o mais notavel, e onde, alem do arioso da infanta, da serenata mourisca, deliciosamente combinada com um cantico religioso, e do duetto de Aben-Afan com *D. Branca*, ha aquelle inspirado preludio magistralmente executado pela orchestra.

A walsa do terceiro acto, o duetto no paraíso, a entrada, o duetto do barytono e do tenor; e, finalmente, no quarto acto um preludio orchestral de um effeito melodico e harmonico notaveis e o arioso de *D. Branca*.

Acrescentemos a isto a maneira como em geral estão tratados os effeitos coraes e de instrumentação, e teremos um conjunto realmente delicioso e revelador de um formosissimo talento, que só precisa tempo para chegar á maturação que já deixa prever.

Eis o que registámos.

Agora os que imaginarem ver n'estas linhas alem do manejar de um incensorio, um perigo para o fu-

turo do maestro e uma bajulação ou uma louvaminha ao seu presente, responderemos apenas que se nas circumvoluções do seu cerebro estiver encerrada a divina semente creadora da inspiração e do genio, ella não deixará de desabrochar por haver calor de mais nas phrases expansivas de um ou outro plumitivo, porque ha já muito tempo é opinião nossa que o verdadeiro talento, sendo essencialmente progressivo, não soffre prejuizos nem deixa de evoluir e de engrandecer-se porque alguns lhe digam que elle é já um genio, quando em verdade ainda só para lá caminha.

Seja esta a glorificação de Alfredo Keil, e a nossa defeza.

* * *

UM CONCERTO EM S. CARLOS

E agora dêem-me licença que depois da *D. Branca* lhes falle no concerto, que para breve se annuncia em S. Carlos, onde, pela primeira vez em Portugal, se apresentará perante o publico uma cantora novel, Mathilde Marcello.

Prefiro dar-lhe este nome, visto ser o que a gentil filha de Sant'Anna e Vasconcellos resolveu adoptar.

Ha certos nomes até que ditos ou escriptos assim *tout courts* representam pelo contrario uma prova de consideração mais alta e mais invejavel.

Explicado isto, dispensam-me certamente de lhes dizer quem é Mathilde Marcello, visto que quasi todos os collegas mais velhos e mais auctorizados do jornalismo se têm referido com *sympathia* e com carinho á gentil filha do visconde das Nogueiras.

E limitar-me-ia mesmo a transcrever para aqui um trecho do artigo de Julio Cesar Machado, artigo tão vibrante e tão penetrado de commoção e de verdade, ou alguns periodos do generoso folhetim de Valentina de Lucena, burilado com tanta arte e escripto com tanto affecto, se porventura não podesse, ou, pelo menos, não desejasse acrescentar tambem alguma nota pessoal ácerca da *sympathica* e estranha individualidade que um publico inteiro vae ter em breve occasião de julgar.

Ha dez annos que isto foi, bom Deus! E ainda me parece haver sido hontem!

Mathilde Marcello, então ainda conhecida apenas por *D. Mathilde* de Sant'Anna e Vasconcellos, era uma interessante e adoravel rapariga de vinte annos, viva, intelligente, instruida e original, um não sei quê de imprevisito e de fascinador no olhar, uns modos simples e francos na falla, uma graça pittoresca e nova no gesto; e, sobredoiando tudo, um suavissimo perfume de juventude, de bondade e de formosura, exhalando-se de toda a sua pessoa, e deixando no meu pobre coração, então de dezoito annos, uma embriaguez estonteadora e perigosa tocada vagamente de uns longes de paixão...

Que diabo, um rapaz deve ter alma e sangue. E eu era rapaz. Agora não sei se ainda o sou, mas então era-o, palavra de honra!

Depois, *D. Mathilde* tinha uma tal fórma de olhar para a gente... Mas, vamos ao conto.

Chegando a Lisboa em companhia de sua mãe e dos irmãosos pequenos, eu tive o prazer involvida-

vel de conversar com ella horas que — escuso dizer-lhes — me pareceram segundos, e de ouvi-la contar episodios das suas viagens, a ultima ainda, por exemplo, que ella tinha feito ao Perú, e onde *leve a honra* de ser de uma vez atacada, na casa que habitava com sua familia, por um bando de assaltantes, valendo-lhe já então o seu extraordinario sangue frio e a sua presença de espirito, rara em muitos homens n'uma conjunctura identica, rarissima n'uma senhora joven, n'uma creança quasi, affeita naturalmente a que a requestassem, mas não, com certeza, a que quizessem mata-la.

Os bandidos parece que adivinhavam — sclerados — que a sua carne virginal e rosada deveria ser deliciosa... mas não para se tragar, entendâmo-nos. Continuemos.

Lembram-me ainda umas lições de inglez que esta futura estrella, futura no mundo lyrico, porque no outro, quer dizer cá n'este em que vegetámos, já ella era astro ha muito; lembra-me ainda, já dizer, essas lições dadas com uma graça e com uma paciencia... de rapariga paciente, a um desastrado que constantemente tem mostrado, em tentativas diversas, a sua invencivel repugnancia ou negação pelo idioma de John Bull.

As palavras, que eu estropiava desaforadamente e que ella corrigia com uma proficiencia de quem falla na perfeição quatro ou cinco linguas!... Ai mocidade, mocidade, só de fallar n'isto parece-me que volto outra vez a sentir bater no peito uma certa viscera...

Santo Deus? Como eu me enlevava a ouvi-la e a *vel-a* fallar! *Vel-a*, sim, senhores, que ha certas pessoinhas que até no mexer dos labios são graciosas e captivantes.

Mas, quero ainda segredar-lhes aqui baixinho, de forma que ella o não ouça, que tambem a ouvi cantar.

Fallava-se no *Baile de mascaras* de Verdi, e eu dizia — como os criticos vão rir da minha soez ignorancia e do meu mau gosto musico! — que achava fina, delicada, maliciosa até, a celebre aria do pagem no quarto acto: então Mathilde, com aquella fina intenção do seu sexo, quando quer ser delicado e amavel, cantou-me, para eu ouvir, todo o trecho que eu citára, e, quanto á voz, se o meu ouvido e a minha memoria não me atraçoam, posso dizer-lhes que era vibrante, argentina, clara, e que alem d'isso era emitida com delicadeza e com colorido...

Não sei se ella perderia depois em intensidade o que sem duvida deve ter adquirido em segurança, em sciencia e em arte, mas sei que era uma voz feita para aquecer e para encantar. Pelo menos a mim aqueceu-me, e sómente me não encantou, porque eu — aqui entre nós — já o estava...

Juntem a isto uma educação americana, larga, viril, sincera, uma educação que lhe ensinára a tratar, até os mais obscuros como eu, com uma distincção ao mesmo tempo familiar e timida, um certo ar de franqueza e de candidez, que fazia com que, estando-se á vontade diante d'esta menina, filha de um diplomata, nobre pelo nascimento e nobre pela educação, ninguem deixasse, porém, de tributar-lhe o respeito que se lhe devia.

Andava em plena Lisboa só, ou com os irmãos, umas creanças, e, ao vel-a passar, parecia que a

própria natureza a tinha envolvido n'um privilegiado nimbo de pureza e de dignidade, que a tornava intangivel ás temeridades ou ás grosserias de algum atrevido, collocando estes n'uma linha de distancia tão accentuada, que não se atreveriam a ultrapassal-a.

Oculto aqui os thesouros de dedicação fraternal, os mil cuidados e a prodigiosa sciencia do *interior* que esta menina desenvolvia no lar, por não serem assumpto de chronica, e apenas desejaría que muitas das suas compatriotas, e mesmo das que o não forem, vissem como se pôde ser a um tempo uma dona de casa, modelo, sabendo tudo, desde a condimentação dos pratos de um *menu*, até ás finas phrases palacianas de uma conversa de salão, e em tudo pondo uma nota delicada e distincta, cheia de perfume, cheia de elegancia...

Triste, triste condição a d'ella, o ver-se forçada a trocar tudo isto pela vida tempestuosa e incerta da scena, e cruel supplicio este para os seus mais delicados e secretos instinctos de senhora educada n'uma atmospherá tão diversa!

Mas, já que o Destino — com D grande, para se ver bem — assim o quiz, que elle ao menos lhe pague em ovações e em triumphos o sacrificio de muitas illusões, que ella teve de lhe ir depor nas aras...

Depois d'isto só me restaria recommendal-a á alma artistica do publico de S. Carlos, pedindo-lhe uma homenagem como elle ás vezes sabe prestar áquelles que logram agitar-lhe uma fibra; mas receio, alem de tudo, que a recommendação a prejudique, e prefiro apenas lembrar-lhe que não se esqueça do concerto.

Quanto a Mathilde Marcello, ella que hoje já nem talvez se lembre de mim, me perdoe o ter evocado para estas linhas uns tons ao menos do seu *sympathico* e adoravel perfil, e que aceite, não em nome de um passado que morreu com tudo o que tinha de ideal e de bello, mas em nome do presente, triste para mim, obscuro trabalhador da penna, porém risonho talvez para ella por lhe deixar antever um glorioso futuro, — que aceite este echo da minha alma, que *foi* como a mais viva homenagem que lhe posso offerecer, emquanto não chega a noite em que vá confundir com as do publico as minhas palmas, que não serão das menos sinceras com que não de acolhel-a e consagral-a, — creia.

VIATOR.

PROJECTO DE VIADUCTO SOBRE O CANAL DA MANCHA

A idéa de uma ponte ligando a Inglaterra com o continente data do principio d'este seculo. Como é natural, a muitos pareceu então impossivel a sua construcção em vista das difficuldades que haveria a vencer e da deficiencia dos meios de que n'essa epocha se podia dispôr; hoje, porém, as circumstancias mudaram, e essa obra, ainda que difficil e despendiosa, todos a julgam exequivel, em vista dos progressos da metallurgia, que ultimamente se têm accentuado por tal forma em arrojadissimas concepções, que surprehendem o nosso espirito.

Com effeito o famoso viaducto sobre o Niagara, a grandiosa ponte que liga New York com Brooklyn, e tantos outros trabalhos n'este genero, demonstram

claramente quanto se tem avançado na industria das construcções metallicas, e que por conseguinte o lançamento de uma ponte através do canal da Mancha não é irrealisavel e só depende de iniciativa, boa vontade e capitaes.

Se se conseguir vencer a reluctancia que existe da parte da Gran-Bretanha, e se ligar ao continente, reluctancia que já fez abortar a idéa do tunnel submarino, temos quasi a certeza que essa obra, de incontestavel utilidade, será levada a effeito, proporcionando mais um titulo de gloria á engenharia do seculo xix.

Os aturados estudos e constante propaganda do distincto engenheiro Thomé de Gamond, auctor do projecto, têm tambem concorrido para fazer pôr de parte o pensamento da perfuração do tunnel, substituindo-o pelo viaducto de que vamos dar resumida noticia.

A estrutura metallica deverá assentar sobre pilares collocados á distancia de 70 ou 80 metros, devendo a altura variar de 300 a 500 metros, conforme as alternativas do fundo em que assentem os alicerces.

Nos intervallos d'esses pilares haverá passagens sufficientemente largas e profundas para permitir livre transitto á navegação. O taboleiro é destinado a quatro vias ferreas, e deixará ainda espaço para uma estrada de 30 metros de largura para outros vehiculos e peões.

No traçado não se procurou a linha recta, mas sim as menores profundidades. Do lado da França a ponte começa no cabo Gris-nez; d'este ponto em diante os fundos oscillam entre 10 e 40 metros nos primeiros 6 kilometros, attingindo nos 9 kilometros seguintes a media de 50; depois encontra-se o baixo Colbart, onde ha apenas 6 metros de profundidade; seguem-se fundos de 25 a 30 metros, durante 4 kilometros, até chegar ao baixo Warne, onde ha tambem sómente 6 metros de altura de agua; d'aqui até á costa ingleza ha uma distancia de 15 kilometros em que o fundo é constantemente de 25 metros.

O plano que acima descrevemos foi analysado, por parte da França pelo almirante Cloné e por mr. Hersent, actual empreiteiro das obras do porto de Lisboa, e por parte da Inglaterra, pelas distinctos engenheiros Fowler e Baker.

A opinião de tão conspicuos peritos foi inteiramente favoravel ao projecto. O sr. Hersent fez mesmo um calculo approximado do custo das obras que é o seguinte: alicerces e pontos de apoio, 370 milhões de francos; construcção metallica, 525 milhões; trabalhos de ligação com as actuaes linhas ferreas dos dois paizes limitrophes, 57 milhões; total, 952 milhões de francos.

Como se vê, a obra é despendiosa, mas as vantagens a auferir são de tal ordem, que cremos commensurar bem o grande sacrificio pecuniario.

Que se imagine como deverá ser bella essa estrada, que vae crear um panorama unico no mundo! E que commodidade para os viajantes se essa obra se realisar!

Que a avaliem os que se têm sujeitado a fazer a travessia do canal debaixo do tempo borrascoso, supportando todos os incommodos e perigos de tal viagem nos *ferry-boats* inglezes.

P. FREITAS.

NOTAS VARIAS

Se Cesar não merece nome entre os fundadores, merece-o entre os dos grandes capitães, e se politicamente não fundou — na phrase de Littré, senão uma decadencia terminada por uma catastrophe, deve-se-lhe, porém, o ter conquistado e romanisado a Gallia, como o serviço de Carlos Magno é ter conquistado e christianisado a Germania.

NOTA DE ALGUMAS EDIÇÕES DO SEculo XV
FEITAS EM PORTUGAL

M. de la Serna, Santander, no seu dictionario bibliographico do xv seculo, ou descripção por ordem alphabetica das edições as mais raras e as mais procuradas do seculo xv, publicado em Bruxellas no anno xiii-1805, no capitulo II, que trata da historia do estabelecimento da imprensa antes do anno de 1500, nas diferentes terras da Europa, tem o artigo clvii:

Lisboa 1489.

Rabbi, Mosis, Nachmanides in Pentateuchum, hebraice, Ulyssipone, 1489, in-fol., parece ser a mais antiga impressão feita em Lisboa, capital do reino de Portugal: os judeus fizeram imprimir ali muitas obras rabbinicas do seculo xv. Veja-se a lista dos seus impressores.

Impressores em Lisboa no seculo xv:

R. Samuel Zorba & Raban Elieser, em casa do qual foi impressa a obra de M. Nachmanides, acima mencionada, no anno de 1489. Elieser imprimiu ainda em 1492 e 1495.

Zachceus, filho de R. Elieser, do qual nós temos uma impressão do anno de 1491.

Nicolau de Saxonia & Valentinus de Moravia imprimiram, em sociedade em Lisboa, *Vita Christi*, em portuguez, anno 1495.

Joh. Petrus Bonhomini, de que nós temos uma impressão sem data, mais anterior ao anno de 1500.

Art. clxvii, Leiria, 1492.

Parece que a cidade de Leiria, em Portugal, era um dos logares escolhidos pelos judeus para as suas impressões. Segundo Rossi, *Amal. hebr. typ.*, os Proverbia Salomonis cum comment Gersonides, hebraice, 1492, in-fol., foram impressos em Leiria: com effeito, Dortas que foi impressor, imprimiu em Leiria em 1496.

Abraham Dortas, ou Ortas, imprimiu a obra mencionada, em casa de seu pae Samuel Dortas; e imprimiu ainda em Leiria, em 1496, com o nome de Magister Dortas Tabule astronomice.

Diz mais em suplemento:

Braga, 1494.

Breviarium. Impressum in Augusta Bracharensi civitate, per magistrum Joannem Gherlinc alemanum anno salutis christiana MCCCCXCIV. E a unica impressão conhecida, feita antes do anno 1500 na cidade de Braga, no reino de Portugal. Esta impressão forma toda a historia da imprensa d'esta cidade no seculo xv.

B.

Estranhou a Socrates um seu amigo haver recebido uns hospedes com prevenção limitada. Respondeu o philosopho: Se são bons, isto foi bastante; se o não são, ainda foi demasiado.

Padre MANUEL BERNARDES.

VARIÉDADES

Nos diversos ramos das artes graphicas occupam-se em Leipzig 34:172 operarios, e 521 motores a vapor. Funcionam n'aquelle grande emporio da livraria 10 machinas cylindricas (rotativas ou rotatorias), 527 prélos mechanicos, 194 prélos lithographicos, um cento de prensas de pedal, e mais de mil machinas accessorias.

Imprimem-se por semana, em media, 26 milhões de folhas. É calculado em 28 milhões e meio de kilogrammas o peso do papel consumido por anno. 87 proprietários de typographias ou lithographias empregam menos de 50 operarios; 11, de 50 a 100; 13, de 100 a 200; 1, de 200 a 300; 3, de 300 a 400; 2, de 400 a 500; e 3 mais de 500. D'esta ultima categoria a casa de maior importancia é a do sr. Klinkhardt.

Velocidade do som: no ar 348 metros por segundo; na agua 1:493 metros, no ferro 5:334 metros; no cobre 3:163; na madeira 3:650 a 4:870.

Sons distantes que podem ouvir-se em dias serenos:

Voz humana, 165 metros.

Tiro de espingarda, 5:830 metros.

Tiro de canhão, 38:500 metros.

O FERRO NO SANGUE E NOS ALIMENTOS

Em 100 grammas de sangue humano existem 54 milligrammas de ferro; o sangue de boi contém 55; o do porco, 59; o do ganso, 37; o do peru, 33; o da gallinha, 37; o do pato, 34; o da rã, 42.

Na carne de vacca encontram-se 5 milligrammas de ferro por 100 grammas; na vitella, 3; na pescada, 8; no leite de vacca, 2; nos ovos sem a casca, 6; nos caracões, sem a concha, 4; nos ratos, 11; no pão de trigo, 5; no pão de milho, 4; no feijão, 7; nas lentilhas, 8; na cevada, 13; nas batatas, 2; nas couves, 4, e no feno, 8.

A velocidade da luz é de 309:000 kilometros, proximamente por segundo.

A luz decompõe-se em raios, sete cores:

Violeta—raio de maxima acção chimica.

Indigo.

Azul.

Verde.

Amarello—raio de maxima luz.

Alaranjado.

Vermelho—raio de maximo calor.

Segundo Hartley e Blumenbach, o somno provém de um alentamento no affluxo do sangue arterial para o cerebro, e por consequencia da accumulacão do sangue venoso nos vasos que cercam o encephalo, de

onde resulta uma compressão que paralyza momentaneamente este órgão.

A fabula fazia os sonhos filhos do somno e da noite, distinguia-os em verdadeiros e falsos, safndo os primeiros dos infernos por uma porta de marfim e os segundos por uma de chifre.

Os atzeques descobriram a composicão do sol em longas chammas de hydrogenio; observaram tambem a passagem de Venus, e tudo isto sem instrumentos astronomicos, pois, nem sequer conheciam o vidro.

ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA LISBONENSE

E ARTES CORRELATIVAS

A commissão especial encarregada de tratar, de accordo com a benemerita associacão industrial portugueza, todos os assumptos relativos á exposicão das artes graphicas, roga, encarecidamente, a todos os industriaes e cavalheiros a quem dirigiu circulares e questionarios, e que ainda lhe não responderam, de certo por motivos mui ponderosos, a fineza de lhe fazerem constar por escripto, com a maxima brevidade, o que têm resolvido, devolvendo-lhe, preenchido, o mencionado questionario, na hypothese de desejarem concorrer ao grande certamen, que deve, dentro em poucas semanas, inaugurar-se.

Approxima-se a epocha da entrega dos productos, e urge preparar todos os elementos, não só para estudar e dispôr a sua mais conveniente e appropriada installacão, como para se ir preparando o competente catalogo, legendas, etc.

Quaesquer communicacões a similhante respeito podem ser dirigidas ao presidente da commissão, na séde da associacão typographica lisbonense e artes correlativas, rua do Sol do Rato (edificio da Imprensa Nacional).

EXPEDIENTE

Por uma serie de circumstancias independentes da nossa vontade, e que entendemos ocioso enumerar, atrazou-se extraordinariamente a publicacão da *Imprensa*. Resolvendo continuar a nossa modesta folha, daremos de ora ávante, emquanto não conseguirmos vencer o atrazo accusado, 16 paginas em cada numero quinzenal, correspondendo, portanto, a dois numeros. Protestâmos empregar todas as diligencias, e os meios ao nosso alcance, para que a *Imprensa* continue merecendo o favor com que foi acolhida.

A REDACÇÃO.